

O significado das festas em uma brinquedoteca hospitalar: promoção da saúde, da cultura e da vivência da infância para crianças enfermas.

Lopes, Bruna Alves y DE PAULA, Ercilia Maria Angeli Teixeira.

Cita:

Lopes, Bruna Alves y DE PAULA, Ercilia Maria Angeli Teixeira (2012). *O significado das festas em uma brinquedoteca hospitalar: promoção da saúde, da cultura e da vivência da infância para crianças enfermas*. Rev. SBPH, 15, 163-193.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/bruna.alves.lopes/3>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pzGn/TzU>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

O significado das festas em uma brinquedoteca hospitalar: promoção da saúde, da cultura e da vivência da infância para crianças enfermas

The significance of festivals in a hospital toy library: health
promotion, culture and experience of childhood for sick children

Bruna Alves Lopes¹

Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa

Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula²

Departamento de Teoria e Prática da Educação, Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar os significados e as contribuições das celebrações de festas em uma brinquedoteca hospitalar. Esta pesquisa foi realizada em um hospital público no qual acontecia um Projeto de Extensão do Departamento de Educação de uma Universidade Estadual do Paraná. O projeto também contava com estagiários dos cursos de Pedagogia, História e Letras. Os procedimentos metodológicos adotados foram: realização de uma breve revisão de literatura sobre festas, análises dos relatórios dos estagiários e entrevistas realizadas com funcionárias do hospital. Os resultados encontrados foram que as festas contribuíam para a integração entre as pessoas e eram importantes nas práticas lúdicas e educativas, assim como na promoção da saúde, alegria e cultura.

Palavras- chave: Festas, Brinquedoteca hospitalar, Infância.

ABSTRACT

The purpose of this study was to analyze the significance and contributions of

¹ Graduada em Licenciatura em História e mestranda em Ciências Sociais e Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no Paraná. Foi estagiária do Projeto de Extensão “Brilhar: Brinquedoteca, Literatura e Arte no Ambiente Hospitalar”, da mesma instituição e bolsista de Iniciação Científica do Programa PIBIC, vinculada a Pró Reitoria de Pesquisa (PROPESP). bruna.hist.uepg@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foi docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa durante doze anos (1998-2010). Trabalhou no Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no período de (2010-2012) e atualmente é docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM) erciliapaula@terra.com.br.

holiday celebrations in a hospital toy library. This survey was conducted in a public hospital in which happened an Extension Project of the Education Department of a State University of Parana. The project also had trainees of Pedagogy, History and Literature. The methodological procedures adopted were: conducting a brief review of literature on festivals, reviews of reports of interviews with trainees and employees of the hospital. The results were that the parties contributed to the integration of people and were important in the practice of recreational and educational toy library. Humanization strategies were also in which conditions were created for the promotion of health, happiness, education and culture.

Keywords: Holidays, Hospital toy library, Children.

Prelúdio

A sociedade e as instituições hospitalares estão em constante processo de transformação. No livro de Porter (2004) sobre a história da medicina é possível compreender como os múltiplos significados atribuídos a esta ciência e aos profissionais de saúde foram sendo redefinidos ao longo dos tempos. A medicina percorreu um caminho expressivo para adquirir, junto à população, seu *status* atual que lhe garante autoridade para tratar das pessoas que são classificadas como doentes³. A concepção contemporânea de atendimento à saúde e às pessoas nos hospitais, não corresponde ao que essa ciência foi no passado. Este aspecto não se refere apenas aos avanços tecnológicos na área de promoção da saúde, mas também em relação às mudanças de mentalidades, tanto de quem diz respeito às equipes de saúde que trabalham nos hospitais⁴, como para aquelas pessoas que, em algum momento, necessitam dos serviços das instituições hospitalares.

³ No livro Sociologia da doença e da Medicina, Philippe Adam e Claudine Herlich (2001) os autores analisam vários aspectos que envolvem a questão da doença e da medicina. No capítulo intitulado "O surgimento da medicina moderna e seu papel no cuidado das doenças" os autores aprofundam as transformações ocorridas na concepção de doença e a forma como as pessoas reagem diante do adoecer ao longo da história, mostrando também as próprias mudanças que "a profissão médico" sofreu ao longo da história.

⁴ Para leituras referentes à história do hospital ler o capítulo "O Hospital" do livro Das Tripas Coração, uma breve História da medicina, de Roy Porter (2004) e Dossiê *Musée de l'Assistance Publique- hôpitaux*

De acordo com Sournia (1985) a mentalidade dos médicos é construída historicamente e é resultado de como a sociedade compartilha sentimentos e ideais quanto às noções de cuidados com a saúde. Atualmente, discute-se a necessidade da humanização na formação dos profissionais de saúde e nos espaços hospitalares. Torna-se necessário transformar estes ambientes em locais nos quais os atendimentos não estejam voltados apenas para os corpos doentes, mas que considerem o ser humano na sua integralidade. São necessários estudos para tornarem os hospitais ambientes mais acolhedores e discussões sobre as características desumanizantes que cercam as relações entre os profissionais e as pessoas atendidas nestes contextos.

No caso das crianças já estão começando a existir mudanças de mentalidades em relação aos seus tratamentos. Os profissionais de saúde entendem atualmente que a hospitalização para a criança não significa apenas tratar a sua enfermidade. As crianças e adolescentes precisam ter suas necessidades vitais realizadas, assim como também seus sonhos e projetos atendidos. Em tempos modernos, as crianças sabem dizer como querem ser tratadas. Por isso, é preciso ouvi-las.

Neste sentido, cabe destacar a importância dos estudos da psicologia, mais especificamente da psicanálise na contribuição da escuta dos sentimentos e desejos das crianças. Quando se discute a consciência adquirida sobre as necessidades das crianças no período da internação é preciso compreender os diversos aspectos que levam ao adoecimento e as características infantis da criança enferma.

Medramo (2004, p.80) ao descrever a relação da psicanálise com a infância afirma:

Assim como a infância não é a mesma depois que as descobertas freudianas se tornaram acessíveis para o grande público e a academia abriu um espaço de legalidade que durante algum tempo foi negado à psicanálise, a própria psicanálise é outra, a partir da introdução da infância na clínica e no pensamento psicanalítico como problema.

de Paris. Disponível em: www.aphp.fr/documents/musee/dp_expo_enfant.pdf . Acesso em 04 de janeiro de 2011.

Estes apontamentos em relação às crianças e seus comportamentos nos fazem pensar nos significados de elementos que caracterizam diferentes infâncias como as festas, as comemorações e os rituais que podem ser resgatados, ou mesmo apresentados para as crianças hospitalizadas. É preciso considerar que, muitas crianças com doenças crônicas, passam vários anos dentro das enfermarias dos hospitais sem saber, ou mesmo conhecer, o que ocorre fora desses universos devido aos limites impostos pelas doenças aos quais estão circunscritas. Algumas instituições hospitalares devido a normas rígidas não conseguem permitir no seu cotidiano o acesso às crianças hospitalizadas aos elementos de sua cultura como é o caso da vivência e participação em festas culturais, mesmo com especificidades.

No livro *Infância (In)Visível* organizado por Vasconcellos e Sarmiento (2007, p.7) os autores discutem as diferentes infâncias de crianças em condição de vulnerabilidade social, dentre estas também estão presentes as crianças hospitalizadas. Para eles: “Algumas vezes, as sociedades esquecem que precisam de suas crianças e que, para tê-las, há de se respeitar o direito de viver a infância”. Nesse sentido é preciso garantir às crianças todos os seus direitos, dentre estes, o acesso ao brincar e a cultura.

Os atendimentos lúdicos e educativos para as crianças hospitalizadas não são recentes. De acordo com Paula (2005), na França, segundo dados levantados por Rosenberg-Reiner (2003, p.16) a primeira escola no hospital foi implantada em 1929 por Marie- Luoise Imbert. Na década de 40, foi criada a associação *Animation, Loisirs à l'Hôpital* (Animação, Lazer no Hospital) e na década de 80 foi fundada a *Associação para a melhoria das condições de hospitalização das crianças* – (APACHE), vinculada a *European Association for Children in Hospital* (Associação Européia para Criança em Hospital - EACH) que reúne várias entidades no país em defesa dos direitos das crianças e adolescentes hospitalizados. Existem associações específicas com o objetivo de dar continuidade à escolarização das crianças e adolescentes hospitalizados em diferentes países. Estas instituições, geralmente, são constituídas por professores aposentados, professores da Educação Nacional

e voluntários que acompanham as crianças nos hospitais e também no processo de alta, antes do retorno a escola regular. Segundo Rosenberg-Reiner (2003), na França, essa associação conta com 3.600 professores e é similar a associação que organiza as bibliotecas nos hospitais neste país.

O trabalho apresentado por Rosenberg-Reiner (2003) sobre a história da associação francesa APACHE é muito expressivo no sentido da revisão de significados sobre a infância da criança hospitalizada. Através do caso particular desta Associação francesa, observamos como os conhecimentos que envolvem a hospitalização infantil, aliados a algumas medidas pioneiras decorrentes de uma nova concepção de tratamento, têm possibilitado a inserção do brincar nos hospitais. Nestes estudos surgem novas posturas sobre a hospitalização e aos poucos o cotidiano hospitalar e a concepção de infância “doente” são transformados⁵.

Surgem, portanto, várias medidas para amenizar o sofrimento da criança hospitalizada como, por exemplo: o direito de serem acompanhadas vinte e quatro horas por dia por um dos pais ou acompanhantes. Esses direitos são reconhecidos na Europa através da Carta da Criança Hospitalizada. De acordo com Paula (2005, p.27):

Em Portugal, a Carta da Criança Hospitalizada (2000), inspirada nos princípios da Carta Europeia da Criança Hospitalizada, aprovada pelo Parlamento Europeu em 1986, reflete as preocupações com projetos de humanização nos hospitais, com o bem estar da criança hospitalizada e os aspectos educativos. O princípio 7 da Carta de Portugal propõe que: “O Hospital deve oferecer às crianças um ambiente que corresponda às suas necessidades físicas, afectivas e educativas, quer no aspecto do equipamento, quer no de pessoal e da segurança.” (MOTA, 2000, p. 58).

No Brasil, desde a década de 90, segundo Ceccim e Carvalho (1997), na Resolução n.41, de 13 de Outubro de 1995, da lei dos Direitos das Crianças

⁵ É preciso considerar que as estagiárias de Pedagogia, Letras e Artes que participavam do projeto eram consideradas brinquedistas pelas ações que desenvolviam.

e dos Adolescentes Hospitalizados, chancelada pelo Ministério da Justiça, existem vinte itens em defesa da criança e jovens hospitalizados. Dentre estes direitos estão incluídos os direitos a recreação, a educação e ao acompanhamento pelos seus familiares e/ou responsáveis nos hospitais.

Para Crepaldi (1995) durante muitos anos os hospitais, em nome da “assepsia e do bom andamento dos serviços” não permitiam aos pais, ou parentes próximos, acompanharem as crianças hospitalizadas. A presença em tempo integral dos pais ou acompanhantes nos hospitais trouxe muita tranquilidade para pais e filhos.

Além deste aspecto da proximidade dos pais nos hospitais, nos últimos anos, novas conquistas estão sendo incorporadas para em relação aos direitos das crianças. Uma das medidas mais discutidas atualmente são as brinquedotecas hospitalares. Elas surgiram a partir de questionamentos referentes às imposições de regras e normas rígidas no ambiente hospitalar que desconsideravam aspectos básicos da infância como, por exemplo: os hospitais não permitiam o acesso das crianças a brinquedos, a mobiliários e a motivos infantis na decoração das enfermarias.

Fortuna (2007) levantou algumas questões que abrangem a estrutura física tradicional e ainda muito presente em alguns hospitais brasileiros. A autora faz críticas em relação à cor do ambiente e das vestimentas utilizadas nos hospitais que, em sua grande maioria, são brancas ou em tons pastéis e que parecem apagar a lembrança de como a vida é colorida.

Neste sentido, as brinquedotecas com brinquedos variados, espaços coloridos e aconchegantes trazem novos significados para as crianças hospitalizadas e suas infâncias. Segundo Paula (2008,p.3):

A brinquedoteca hospitalar é um espaço de promoção das interações entre as crianças e os adolescentes, possibilita momentos de lazer, socialização com parceiros de idades variadas, resgate da auto-estima, da alegria e da vontade de viver. Como atividade terapêutica no hospital, também permite às crianças, aos adolescentes e a seus familiares ou

acompanhantes, descobrirão o papel da ludicidade no ambiente hospitalar.

Cada vez mais, portanto, as brinquedotecas são reconhecidas como espaços do lúdico no contexto hospitalar e como um meio de valorizar as diferentes infâncias e crianças que estão hospitalizadas auxiliando na promoção da saúde e promovendo a cultura nos hospitais, afastando os medos e sentimentos sombrios em relação a estas instituições.

As consequências de uma hospitalização dolorosa para as crianças são expressas por Crepaldi (1995, p.24) na seguinte afirmativa:

A doença é um evento que altera as condições psicológicas e sociais da criança, criando sentimentos negativos de medo, angústia, decorrentes da dor dos procedimentos que se adota por ocasião de uma hospitalização. Quando ela se faz necessária, é, sem dúvida, um acontecimento violento para a vida da criança, podendo afetá-la irremediavelmente, conduzindo-a, muitas vezes, à morte.

Desta maneira, com o objetivo de amenizar, ou até mesmo evitar, os prejuízos emocionais que uma hospitalização pode causar, as atividades lúdicas começaram a ganhar destaques nos hospitais brasileiros principalmente a partir de 2005 quando a lei nº11.104/2005 de autoria da Deputada Luiza Erundina (PSB-SP) sobre a implantação das brinquedotecas nos hospitais foi aprovada e sancionada. Essa lei propôs a obrigatoriedade da implantação de brinquedotecas em hospitais que possuem atendimento pediátrico e que disponibilizem espaços destinados ao brincar nessas instituições. Esse processo demonstra o reconhecimento da importância das brinquedotecas, tanto para a saúde, como para a educação. O Seminário Nacional realizado pela Comissão de Legislação Participativa da Câmara dos Deputados em 2005 (BRASÍLIA, 2005) abordou essa temática.

As discussões e as práticas envolvendo as brinquedotecas hospitalares estão relacionadas com os debates sobre humanização no espaço hospitalar. Em relação ao conceito de humanização, Mello (2008) argumenta que, embora

o Ministério da Saúde tenha proposto algumas definições, não existe consenso quanto ao termo. A autora ainda apresenta alguns conceitos recorrentes na literatura sobre o assunto:

Humanização é o ato de humanizar, ou seja, dar estado ou condições de homem, no sentido de ser humano (Grande Biblioteca Larousse Cultural, 1998);

Humanização é o aumento do grau de co-responsabilidade na produção de saúde e de sujeitos (Ministério da Saúde, Política Nacional de Humanização Hospitalar, 2003).

Humanização diz respeito à mudança na cultura da atenção dos usuários e da gestão dos processos de trabalho (Ministério da Saúde, Política Nacional de Humanização Hospitalar, 2003). (Mello, 2008, p. 7)

Quando uma instituição hospitalar e seus profissionais proporcionam às crianças internadas espaço físico apropriado e momentos nos quais elas possam explorar toda a sua imaginação, sensibilidade e criatividade, o que se está oferecendo é a possibilidade para que, nos períodos de angústia e de raiva, as crianças tenham momentos de prazer em suas vidas e que as dores e tristezas sejam amenizadas.

Através do brincar a criança expressa sua visão de si e do mundo no qual vive, reproduz e recria comportamentos e culturas. Ao brincar, o foco não está mais na doença e no tratamento, mas no lúdico e em todo o universo de possibilidades que a ação de brincar convida a criança a participar e compartilhar estas ações com os amigos. As festas nos hospitais também proporcionam às crianças e familiares relaxarem nesses ambientes repleto de tensões.

As brinquedotecas possibilitam um maior contato entre a criança e seus acompanhantes, pois, muitas vezes, a obrigatoriedade de medicações e o cumprimento de rotinas rígidas, podem limitar os momentos de interação entre as crianças e seus responsáveis, tornando-os exaustivos e desagradáveis. Nas brinquedotecas hospitalares são produzidas relações mais tranquilas e

prazerosas entre pais e filhos. É preciso destacar também que as brinquedotecas são espaços destinados ao brincar e as manifestações culturais e, quando os hospitais contratam profissionais para desenvolver essas ações nestes ambientes, os espaços ficam ainda mais agradáveis.

Na metáfora utilizada por Paula (2007, p. 323) as brinquedotecas e as escolas nos hospitais auxiliam as crianças a “voarem em jaulas”, pois as limitações impostas “por algumas paredes e até mesmo por regras e pessoas, não impedem que elas sejam livres para “voarem” em atitudes e pensamento.” Muitas crianças são resilientes e capazes de sonhar, fantasiar e reinventar esses ambientes, mesmo diante das dificuldades.

A internação significa para as crianças um período de isolamento, pois elas afastam-se de tudo aquilo que faz parte de seu cotidiano e dos próprios referenciais de suas vidas como: seus familiares, amigos, animais de estimação e escolas. Elas também se afastam das manifestações culturais e das festas. A sociedade continua no seu ritmo normal, com seus feriados e comemorações festivas e, muitas vezes, as crianças hospitalizadas são excluídas desta dinâmica social e cultural.

Muitas destas comemorações são aguardadas por longo tempo por toda a sociedade devido a sua importância religiosa, recreativa, dentre outros aspectos. Para Silva, (1995), as festas são momentos de encontro das pessoas com o seu grupo, seja familiar, social, desportivo ou religioso.

As festas são construções sociais e históricas assim como as categorias criança e infância. Cada época e sociedade atribuem características que correspondem a valores e atitudes compartilhados coletivamente. As festas, como fenômenos sociais, auxiliam na compreensão de diferentes infâncias manifestadas no ambiente hospitalar. A categoria infância contribui para análise sobre o sentido das festas presentes nos hospitais.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida no Projeto de Extensão “Brilhar: Brinquedoteca, Literatura e Arte no Ambiente Hospitalar” da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). O Projeto de Extensão foi realizado durante quatro anos (2006-2010) em duas

brinquedotecas na cidade de Ponta Grossa no interior do Paraná: uma brinquedoteca era realizada em um hospital filantrópico e outra era realizada em um hospital público. Estas instituições hospitalares atendiam crianças e adolescentes de Ponta Grossa e da região. O projeto era coordenado pela Profa. Dra. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Ponta Gross (UEPG) e outros professores desta universidade também participaram do projeto como supervisores. Estes professores eram dos cursos de Pedagogia, de Educação Física e de Música.

O projeto de extensão também contava com o auxílio de vários estagiários de diversos cursos da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) como: Pedagogia, História, Letras, Artes Visuais e Música. Nos quatro anos de existência, o projeto atendeu cerca de mil crianças e seus familiares e chegou a contar, em um ano, com 30 estagiários. A maioria das estagiárias eram mulheres. Alguns acadêmicos também participaram e tiveram atuações expressivas, mas estavam em minoria. É preciso considerar que existiam duas modalidades de estagiários: os estagiários voluntários (que participavam do projeto como estágio extracurricular) e os estagiários bolsistas (de Iniciação Científica e as bolsistas do Projeto de Extensão). Nos dois últimos anos (2008-2010) o projeto contou um grupo de permanente de sete estagiárias bolsistas (de extensão e pesquisa) que ficaram dois anos no projeto e apresentaram os resultados deste trabalho em vários congressos.

Este artigo é resultado dos desdobramentos das reflexões da uma pesquisa de Iniciação Científica do Programa PIBIC vinculada a Pró Reitoria de Pesquisa (PROPESP) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Esta pesquisa foi financiada pela Fundação Araucária e correspondeu ao período de 2009 a 2010. O projeto de pesquisa era intitulado como: “A história do atendimento lúdico às crianças hospitalizadas no Brasil: aspectos de exclusão e inclusão de diferentes infâncias”. Este Projeto de Pesquisa analisava o Projeto de Extensão “Brilhar” e era orientado pela Profa. Dra. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula, que atuava na época como docente do

Departamento de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Ela também coordenava o Projeto de Extensão e também orientava esta pesquisa de Iniciação Científica. Na época, atuava como estagiária e estudante de História no Projeto de Extensão e também era bolsista deste projeto de Iniciação Científica. A pesquisa enriquecia o olhar multidisciplinar sobre o projeto de extensão. Entendemos que pesquisa e extensão são áreas interligadas. Portanto, este trabalho é uma reflexão teórica sobre as práticas recreativas e culturais realizadas em um Hospital Público da cidade de Ponta Grossa e fez parte dos resultados encontrados na pesquisa de Iniciação Científica sobre o Projeto de Extensão “Brilhar: Brinquedoteca, Literatura e Arte no Ambiente Hospitalar”

É preciso considerar que, durante os anos de existência do projeto aconteceram múltiplas festas e comemorações. Os estagiários, tanto os bolsistas como os voluntários, faziam planejamentos semanais das atividades, tanto das brincadeiras como das festas que foram realizadas com as crianças e seus pais. Estes planejamentos eram discutidos nas reuniões do grupo todas as sextas feiras na universidade (UEPG). Os estagiários também produziam vários registros nos diários de campo e relatórios sobre as atividades desenvolvidas. Neste artigo, serão apresentados os dados da festa de Páscoa que ocorreu no Projeto de Extensão “Brilhar” no Hospital Infantil público no ano de 2009. A opção por apresentar e analisar esta festa deve-se ao fato deste evento ter sido diferenciado. Esta festa trouxe elementos revisitados do contexto da Páscoa tradicional e foi um dia expressivo na pediatria.

O objetivo da pesquisa era analisar as representações geradas em torno de uma das comemorações festivas realizadas, mais especificamente, de uma festa de Páscoa realizada em 2009 em uma das brinquedotecas e investigar as relações de inclusão e exclusão existentes naquela festa.

Não se pode esquecer que até pouco tempo atrás, nos hospitais, a palavra “Silêncio” era marcante nas enfermarias. Para Medramo (2004, p. 27) esta expressão é “fruto de uma ideologia, dispositivo tático e estratégico

construído com o objetivo de disciplinar os corpos doentes, amarrando-os à lógica higienista”.

Em muitas instituições hospitalares atuais, o atendimento às crianças e adolescentes é marcado pelo silêncio, mas também existem instituições que permitem as pessoas expressarem suas dores, desejos e alegrias. Sendo assim, os diversos grupos que estão adentrando nos hospitais como: *clows*, professores, brinquedistas, artistas, músicos, dentre outros, têm procurado desenvolver dinâmicas mais interativas que possibilitam aos enfermos novas formas de relacionamento com as normas rígidas dos hospitais.

Esta pesquisa foi elaborada para procurar compreender como eram desenvolvidas as interações das pessoas (crianças, famílias, acompanhantes e estagiárias do Projeto de Extensão Brilhar) na instituição hospitalar na qual era desenvolvido o projeto de extensão.

Observávamos que as festas nas brinquedotecas nos hospitais que o projeto de extensão atendia possuíam algumas características marcantes. Para realização das festas encontrávamos algumas dificuldades, devidas a algumas normas hospitalares. Todavia, também conseguíamos rediscutir as experiências vividas pelas pessoas nesses ambientes e elaborar estratégias específicas, mesmo diante de algumas limitações impostas. Estes múltiplos significados nos chamaram a atenção para a necessidade de maior investigação e análise.

A análise da festa da Páscoa no Hospital Infantil público no ano de 2009 deve-se ao fato de ser um hospital que atendia em média 80 crianças e que possuía normas rígidas. As regras da equipe daquele hospital, naquele período, não permitiam que os elementos comuns (comerciais) da festa de Páscoa fossem distribuídos às crianças, como por exemplo: os ovos de Páscoa.

A equipe de saúde do hospital alegava que o chocolate poderia provocar diarreia nas crianças hospitalizadas, por isso a sua proibição. Nas festas da Páscoa realizadas no hospital filantrópico (no outro hospital no qual também era desenvolvido o projeto de extensão) os ovos de chocolate sempre foram

permitidos e distribuídos para as crianças. Portanto, esta proibição deste hospital analisado, nos causava estranhamento.

Diante deste aspecto, interessavam-nos conhecer e analisar as estratégias desenvolvidas pelas estagiárias do projeto de extensão para difundir a festa da Páscoa com elementos revisitados para esta festa. Também nos interessava observar as reações das crianças, adolescentes hospitalizados, seus familiares, as estagiárias e os profissionais do hospital neste evento festivo e cultural.

Procedimentos da pesquisa – Entre atos

A metodologia deste trabalho de pesquisa foi baseada na etnopesquisa de Macedo (2000). A etnopesquisa é derivada da etnografia e direciona o olhar da realidade a partir de vários aspectos: interação dos pesquisadores com a comunidade pesquisada, observação de elementos estranhos e familiares na pesquisa de campo e a descrição densa.

Nesta pesquisa que é decorrente do projeto de Iniciação Científica, foram analisados os registros individuais das estagiárias bolsistas que permaneceram dois anos no hospital (2008-2010) e de voluntários que participaram da Festa da Páscoa de 2009. Os registros das estagiárias eram realizados em diários de campo e relatórios cotidianos produzidos a respeito das atividades. Estes relatórios e descrições eram compartilhados na internet no grupo do projeto. As estagiárias desenvolviam as atividades três vezes por semana nos hospitais. Elas também desenvolviam a “escuta sensível” da etnopesquisa nas atividades realizadas. Este era um recurso significativo para captar a política de sentidos do ambiente. Macedo (2000) define “escuta sensível” como:

A “escuta sensível”, como dispositivo de pesquisa é uma conquista catalizadora de vozes recalçadas por uma história científica silenciadora e castradora. A necessidade de ouvir sensivelmente, no ato de pesquisar, é ao mesmo tempo, um recurso fundamental para os etnopesquisadores, considerando suas bases filosóficas e

epistemológicas, bem como mais um dispositivo facilitador para a democratização do saber (MACEDO, 2000, p. 198)

No caso específico deste trabalho de pesquisa, a metodologia baseou-se em dois procedimentos específicos: o primeiro procedimento foram análises dos relatórios das sete estagiárias e dos dois voluntários que participaram da festa de Páscoa em 2009. Nestes relatórios das estagiárias, foram expressas as impressões de cada brinquedista⁴ a respeito das celebrações da Festa de Páscoa de 2009 na brinquedoteca hospitalar. O segundo procedimento foram realização de entrevistas com profissionais que trabalhavam no hospital como a diretora do hospital, a assistente social e enfermeiras. Algumas entrevistas foram realizadas pessoalmente, a pedido dos entrevistados. Outras, entretanto, precisaram ser deixadas para serem respondidas por escrito, também a pedido das pessoas que solicitarem esse procedimento devido às suas ocupações nos hospitais. Para eles, as respostas escritas descreveriam melhor suas impressões sobre a aquela comemoração da Páscoa no hospital.

Além desses recursos, esta pesquisa utilizou como análise de documentos, uma reportagem publicada no site oficial da prefeitura da cidade de Ponta Grossa sobre esta festa da Páscoa de 2009, assim como a observação da participação das pessoas naquele evento.

Naquela festa existiram vários procedimentos para sua realização. Ela ocorreu inicialmente em todo o hospital pediátrico, depois nas enfermarias e posteriormente na brinquedoteca (que era uma sala ampla, com diversos brinquedos destinados a essa função do brincar). Ao longo do corredor das enfermarias até a chegada da brinquedoteca existiam “pegadas do coelhinho” feitas de tinta guache no chão do hospital. Durante o caminho, enquanto as crianças e seus acompanhantes se dirigiam à brinquedoteca, eles vivenciavam o imaginário e a surpresa da chegada do coelho da Páscoa, personagem principal. As brinquedistas percorriam os quartos convidando todos para a festa e estimulavam as crianças a “entrarem no clima”. Elas perguntavam se aquelas pegadas eram do coelhinho e instigavam as crianças a procurá-lo. Enquanto as crianças se dirigiam até a brinquedoteca, algumas enfermeiras também

participaram destes momentos. Algumas eram convidadas pelas próprias crianças que diziam que estavam procurando o coelhinho ou que estavam indo participar de uma festa. Em outros momentos, as crianças, quando viam seus amigos do hospital, conversavam e as incentivam a vivenciar aquele momento lúdico. Na brinquedoteca, algumas enfermeiras, às vezes entravam, observavam o que estava acontecendo, cantavam e brincavam ativamente com as crianças. Outras enfermeiras observavam os movimentos na brinquedoteca e posteriormente se retiravam para realização de seus trabalhos nas enfermarias.

Quando as crianças chegaram na brinquedoteca a sala estava organizada de modo que as mesas e as cadeiras estavam voltadas para uma espécie de palco no qual as estagiárias contavam uma história sobre o significado cristão da festa da Páscoa. Posteriormente, dois estudantes de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa e músicos, através de atividade voluntária, tocaram músicas da Páscoa. As crianças adoraram e participaram ativamente das canções e do coral improvisado. Em seguida, foi iniciada a “caça ao coelhinho” e aos presentes da Páscoa. Uma estagiária com a cara pintada de coelho e orelhas de coelho estava escondida dentro da casinha de bonecas (uma casinha de plástico ampla que fazia parte da brinquedoteca). As crianças se divertiram muito, pois, a surpresa foi inusitada: o coelho era uma “coelhinha” que era estudante de Pedagogia. Ela tinha traços orientais e distribuía balinhas de gelatina coloridas em uma cesta enfeitada e preparada pelas estagiárias para as crianças. Todos se divertiram muito com a coelhinha japonesa que distribuía balas de gelatina. A festa da Páscoa, assim como o “ovo da Páscoa” foram situações revisitadas diante do contexto hospitalar e das dietas das crianças hospitalizadas.

A importância das festas no espaço hospitalar

Embora pareça algo recente, em alguns hospitais pediátricos na França, entre o século XIX e XX, já existiam algumas comemorações festivas para as crianças. As festas realizadas estavam estritamente ligadas com o ideal cristão

de caridade e o ensinamento da moral cristã, sendo as festas mais celebradas: o Natal, a Páscoa e o dia do Padroeiro da Instituição⁶. Atualmente, com a abertura de espaços para a implantação das brinquedotecas hospitalares, surgem diferentes oportunidades para a realização das festas dentro dos hospitais. Estas situações adquirem múltiplas facetas.

Nos períodos comemorativos, a sociedade, por alguns instantes, muda a sua rotina diária para vivenciar o momento das festas. As celebrações são momentos que evidenciam o que um povo tem em comum (ou ao menos a grande maioria) que são: as crenças, os costumes e as culturas.

Embora ao longo dos tempos tenham sido incorporados nas comemorações da Páscoa elementos pagãos, não se pode esquecer o caráter religioso que envolve esta festa, tanto para os judeus, quanto para os cristãos.

A Páscoa pode ser considerada como a busca por uma relação profunda do homem com a religiosidade, pois nela, o homem relembra e se alegra dos grandes feitos conquistados através da *intervenção divina na sua História* (SILVA, 1995). As comemorações festivas oferecem o que de melhor a humanidade possui, pois, através das cerimônias, os homens narram e realizam ações partilhadas para as gerações mais novas. Eles apresentam os feitos do passado e a importância destes na produção da cultura e de diferentes manifestações religiosas. Para os cristãos convictos, a festa da Páscoa possui o significado da paixão, da morte e da ressurreição de Cristo. Nesse momento é festejado não apenas a liberdade, mas também o pecado, pois, segundo os cristãos, o Cristo tornou-se para a humanidade o “cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.

Provavelmente pela sua forte característica de valorização da expressão, das experiências, da cultura e mesmo a valorização da religiosidade e do contato com o outro é possível, através do espaço da brinquedoteca, a promoção das festas dentro do espaço hospitalar.

Brandão (1989) afirma que a festa é uma “*fala*”, uma “*memória*” e uma “*mensagem*”, o que nos leva a compreender que a festa é, por excelência, um

⁶ Dossiê Musée de l'Assistance Publique- hôpitaux de Paris. Disponível em: www.aphp.fr/documents/musee/dp_expo_enfant.pdf. Acesso em 22 de Novembro de 2010

ato social e que não se faz sozinho. É preciso o outro para se relatar ou compartilhar um sentimento, um símbolo, uma história e uma identidade. Tais características relacionadas ao ato de festejar acrescentam um elemento importante para as discussões realizadas sobre brinquedotecas hospitalares; pois ao longo da história, tanto o hospital, como a infância, eram considerados lugares de silêncio e da “não fala”. Ao se realizar uma festa, busca-se um momento de liberdade, palavra essa que junto com o termo brinquedoteca, significam mudanças de comportamento, atitudes e a “devolução da fala” daqueles que sempre falaram, embora nem sempre ouvidos, e que possuem muito para compartilhar com todos que estão dispostos a ouvir.

Amaral (2010) relaciona as festas com a necessidade de superação das dificuldades dos grupos e das regiões onde se inserem. O que nos faz compreender que as festas não mascaram as diferentes realidades, mas são meios para as pessoas “tirarem forças” para suportarem as dificuldades do cotidiano. São momentos nos quais os grupos têm a oportunidade de renovar-se e prosseguir com a vida. No caso do hospital, as festas não dissimulam o fato das crianças estarem hospitalizadas, longe do convívio das pessoas queridas, dos seus círculos pessoais e das suas rotinas vivenciada antes da internação. As festas possibilitam para as crianças e seus familiares receberem energia para enfrentar o período de hospitalização. De acordo com a descrição de uma estagiária no seu relatório sobre o projeto de extensão foi possível verificar este aspecto:

“É difícil à estadia no hospital, porém as festas que realizamos agem como remédios no coração de cada um, como se fossem uma injeção de ânimo. E a nós, nos oferece uma sensação de alegria em sabermos que pudemos colaborar com um pouquinho da felicidade de alguém, além de nos sentirmos muito mais humanos em meio a este mundo tão desumano... ”(E. brinquedista)⁷.

⁷ Os nomes das crianças e pessoas entrevistadas para a pesquisa não serão divulgados para preservar suas identidades, usamos apenas suas iniciais.

Freud (1984) descrevia a festa como “um excesso permitido, ou melhor, a ruptura solene de uma proibição”⁸. No ambiente hospitalar, as festas promovem a essa subversão de valores. No caso da Festa de Páscoa analisada, quando o silêncio do hospital foi trocado por músicas e gargalhadas e quando a gelatina, que era servida diariamente no hospital como sobremesa, ganhou forma de bala e foi distribuída pelo “coelhinho”, ela passou a ter um novo valor, ou seja, passou a ter também um “novo sabor”, por ser um presente da “coelhinha”.

No dia da comemoração da Páscoa, como não era possível a entrega de chocolate, devido a proibição do hospital e as dietas que as algumas crianças estavam seguindo, as brinquedistas resolveram fazer gelatinas e cortá-las como bala. Durante a festa, a brinquedista que estava vestida de coelhinha entregou as balas em uma cestinha. O jornalista Busnardo (2009) descreveu essa situação que foi publicada no site oficial da prefeitura da cidade:

E como não poderia deixar de ser, o Coelhinho da Páscoa entrou na brincadeira, entregando pequenas cestas feitas com cartolina com guloseimas apropriadas para quem segue uma dieta hospitalar. E não foi somente o coelhinho o motivo da alegria das crianças. Embaladas pelo som que vinha de um violão e de uma flauta tocados por dois voluntários, as crianças cantavam, enquanto tinham as carinhas pintadas.”

Observa-se nesta descrição outro elemento interessante naquela festa: a presença da música no hospital. O ambiente hospitalar é um meio marcado historicamente pelo silêncio e a imagem tradicional do hospital descreve a relação da música com essa instituição como elementos contraditórios. Normalmente, em outro ambiente festivo violão, flauta e canto não despertam tanta atenção, talvez nem mereçam descrição na reportagem sobre uma festa, já que são elementos característicos destes momentos. Mas, no contexto específico do hospital, a música representa a ruptura de uma prática ainda

⁸ Freud, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro, Imago, 1984.

presente no imaginário de muitas pessoas quando pensam nos hospitais, pensam na ausência de musicalidade. Outro aspecto a ser destacado é que é comum a mídia adentrar nos hospitais somente para descrever momentos tristes. Esta reportagem sobre uma Festa da Páscoa de 2009 no Hospital de Ponta Grossa revelou elementos de uma modificação da postura do hospital e da forma como este foi representado e noticiado.

Os hospitais são lugares marcados por tensões provocadas por suas rotinas. Tensões estas observadas não apenas entre os familiares e as crianças hospitalizadas que ficam estressados neste momento, mas também entre as pessoas responsáveis pelo atendimento destas crianças. Portanto, as festas não são apenas necessárias os enfermos, mas para todos que estão neste ambiente. O alívio pela quebra da rotina, mesmo que momentânea, é um agente transformador, não apenas do humor das crianças, mas de todos os que estão nesse ambiente. Os relatos das estagiárias sobre a Festa de Páscoa de 2009 apresentam estes aspectos:

“Gostaria de registrar que há tanto tempo não me sentia tão feliz e realizada perto de crianças. O dia ontem, para mim, foi muito prazeroso me senti tão importante na vida das pessoas - realizada, esta é a palavra certa. Ao ver os olhinhos dos pequeninhos brilhando ao nos ver, ou ver um pacote com balas de gelatina que, para nós, nem é tão importante, mas para eles era porque o coelhinho que tinha dado. Eu me senti muito bem e espero continuar com este trabalho por muito tempo. Queria deixar claro que me sinto muito alegre e realizada neste momento.” (M. M. brinquedista).

“Surpresa, alegria, emoção, aprendizado... O hospital estava com outra cara, todos ficaram alegres!” (M. C, Diretora do Hospital).

“Constater a mudança no estado de espírito das crianças. O cenário do Hospital mudou. O clima de festa contagiou também os funcionários e os acompanhantes das crianças. Foi como se o “remédio” daquele dia estivesse contido na curiosidade despertada nas crianças ao procurar a cestinha, na alegria de ver as coelhinhas, na vontade de participar das brincadeiras, maquiagens e da música. Ficou

sendo de fato um dia especial, bem diferente dos demais.”
(A.L.M. Assistente social).

O antropólogo Brandão (2011) em entrevista realizada para a TVE Brasil, ele destaca mais um aspecto sobre a importância das festas para a sociedade que se expressa no momento do “*se doar ao outro*”:

A festa é o momento em que uma pessoa, um par de pessoas, de preferência uma família, uma parentela, uma comunidade, um grupo de amigos, ou seja, lá quem for, às vezes até uma multidão, se reúne para viver o momento em que o que se troca não são tanto bens, bens materiais, coisas utilitárias, como numa situação de trabalho, mas trocam-se afetos, símbolos, significados, identidades, estimas. Isso se faz com a música, com o canto, com a dança, com as fantasias, com as roupas, com as dramatizações.”

Nas análises dos relatórios das brinquedistas/estagiárias do Projeto de Extensão Brilhar sobre esta Festa de Páscoa de 2009, observamos esses sentimentos de trocas e demonstração de afeto em vários momentos descritos nos relatórios, como é possível verificar neste fragmento:

“Um aspecto que chamou muita atenção foi de uma menininha, que não me recordo o nome, que comia sem parar o saquinho de gelatina, e a cada uma que comia, ela me perguntava se a coelhinha iria lhe dar mais, e assim foi até terminar seu pacotinho. Ao terminar o pacotinho eu dei outro para ela que me falou: “Este é para meu pai que não ganhou nada do coelhinho e depois o que sobrar é do meu irmão que tá em casa”. Aquilo me chocou tanto, porque a menina tinha uns 3 ou 4 anos e a preocupação com o fato de oferecer algo à sua família caracterizou a carência pela qual a família deve passar, visto que seu pai que estava junto, mostrando-se muito humilde, me agradecia sem parar elogiando nosso trabalho e agradecendo alegria proporcionada não somente à sua filha, mas à ele também, que há tanto tempo não sentia-se emocionado.” (E. brinquedista)

Através da descrição acima também foi possível refletir sobre o lazer e a situação socioeconômica de muitas famílias em nossa sociedade. Sabemos

que os gastos com os itens básicos de sobrevivência, o tempo gasto no trabalho (e para chegar até ao local de trabalho), a ausência de espaços destinados ao lazer e a cultura para as comunidades, a dificuldade de acesso a esses lugares devido à distância e os custos dos meios de transportes, os preços altos dos espetáculos, são fatores que limitam as possibilidades das famílias de classes populares usufruírem momentos de lazer e culturais. O que foi possível observar naquela Festa de Páscoa revisitada com elementos específicos é que as famílias e as crianças hospitalizadas puderam desfrutar de uma boa música dos voluntários, da peça teatral das estagiárias e de momentos de recreação e cultura que auxiliaram as pessoas no enfrentamento de um momento de fragilidade em suas vidas.

Neste caso relatado encontramos o sentimento de compartilhar, não apenas por parte das brinquedistas/estagiárias que trabalharam na organização da festa e na elaboração da cestinha de Páscoa em 2009 que foi dada como presente às crianças; mas também na atitude da menina em querer dividir seu presente com o pai e o irmão, e no agradecimento do pai as brinquedistas/estagiárias. Nessa rede afetiva foi possível observar que as pessoas que elaboraram a festa não apenas doaram alegria, mas ficaram felizes por vivenciarem o bem estar dos outros. Não existiu uma hierarquia no momento de receber os benefícios de uma festa: doar e receber foram ações praticadas e recebidas por todos os membros participantes daquele momento. Este ato não foi exclusividade de nenhum indivíduo, assim como também não foi algo que se impôs um valor, em que a ação de determinado indivíduo valia mais do que outro. A festa foi um momento da cultura compartilhada e reelaborada por todos que participaram daquela experiência cultural naquele momento.

A hospitalização representa o isolamento e o sentimento de “ser esquecido” que essa situação pode provocar. Entretanto, a realização das festas, nessas ocasiões, além de possibilitar uma sensação de acolhimento e pertencimento das crianças sobre a sociedade nas quais se inserem, as festas também podem demonstrar a essas crianças que, mesmo hospitalizadas, elas

não foram esquecidas ou separadas, mas apenas estão participando das celebrações de forma diferenciada, devido seu estado. Este aspecto não torna as suas participações e/ ou suas formas de comemorar menos importantes ou significativas. Na reportagem do jornalista da prefeitura de Ponta Grossa em 2009, ele descreveu o seguinte depoimento de uma criança:

“Eu fiquei muito feliz porque o coelhinho veio me ver”, disse K., de quatro anos, internada desde a segunda-feira por causa de uma pneumonia. E não foram somente as crianças que se encantaram com a surpresa. Na brinquedoteca do Hospital também estavam as mães, como S. A., que acompanhava a K. “É uma recompensa enorme ver a minha filha sorrindo, mesmo com febre. Ela sai do quarto já animadinha para ir brincar”, disse a mãe. (BUSNARDO, 2009, s/p.)

Nesse caso, receber a visita “da coelhinha”, naquele dia, foi muito mais que receber a visita de alguém que por muito tempo foi aguardado. Foi saber também que ele não havia sido esquecido, apesar da hospitalização.

Todos os elementos característicos das festas que foram mencionados acima (fala, memória, mensagem, ruptura, libertação, doação) nos levam a refletir sobre a questão do consumo na contemporaneidade e como este consumo está cada vez mais presente no cotidiano das crianças e de diferentes infâncias. Masquetti (2008) ao discutir o consumo envolvendo as celebrações em torno da Páscoa, faz indagações para todos aqueles que estudam e trabalham com crianças:

[...] penso no que foi feito do coelho e da emoção das crianças em abrir os ovos: bonecas, bolsinhas, relógios e até mini-games substituem agora os ovinhos e bombons do recheio. Não que brinquedos sejam ruins, porém, Ovo de Páscoa é Ovo de Páscoa, símbolo de renovação da vida, trazido secretamente por um coelho branquinho de orelhas longas. E sendo assim, o que fazem todas essas crianças nos supermercados escolhendo a própria surpresa? E o coelho? Que função terá agora?

Seja o que for, na manhã do Domingo de Páscoa, nos lares dessas crianças, certamente não haverão surpresas ou pistas. Em suas lembranças não ficarão as vozes paternas dizendo “tá quente”, “tá morno”, “tá frio”. Não levarão para o

futuro o visto permanente de entrada na imaginação para encontrar as saídas criativas tão necessárias aos desafios do mundo adulto. (s/p.)

Os resultados desta pesquisa nos evidenciaram que, quando se elabora uma festa em um hospital, principalmente as que possuem grande apelo consumista, como é o caso da Páscoa, é preciso refletir sobre os significados dessas ações, destas festas e de como elas serão realizadas. Nenhuma atividade, principalmente quando destinada a um grupo, no caso de crianças, é um ato neutro. As festas são momentos de diálogos entre as pessoas e as gerações. É preciso que todos aqueles que, de alguma forma estejam envolvidos nessas comemorações, estejam cientes das *mensagens* e simbologias destinadas às crianças.

Delgado (2010) em seu artigo intitulado a “Composição fotográfica das crianças sobre o papel dos adultos e participação infantil nas festas dedicadas a infância”, ao analisar a questão da abundância, diversão, consumo e prazer, afirma:

Curioso é que profissionais da educação que criticam as influências da mídia e do consumo nas vidas das crianças reforçam esse poder em festas como o dia da Criança, Natal e Páscoa, datas em que o apelo ao consumo infantil é especialmente incentivado. Um dado que não podemos ignorar, na compreensão das festas e comemorações dedicadas à infância e às crianças, é a importância da colonização do imaginário infantil pelo mercado e os produtos culturais para a infância na sociedade contemporânea. (DELGADO, 2010, PAG 157).

A brinquedoteca, como espaço de humanização e de educação dentro dos hospitais, é um local significativo para que crianças e adolescentes experimentem o prazer existente no criar, sonhar, compartilhar, socializar. As festas nas brinquedotecas são um meio de aproximar as pessoas para vivenciarem, da melhor forma possível, aquele espaço e tempo. Entretanto, para que isso ocorra, para que uma festa realmente aconteça na sua essência é preciso não valorizar apenas o lugar e sua decoração, mas as pessoas que

nela estão envolvidas e que elas estejam “em clima de festa”. Neste sentido, cabe às brinquedistas e aos animadores culturais, a valorização de cada pessoa e de suas particularidades. As pessoas também precisam estar dispostas a celebrar a vida, apesar dos problemas, do cansaço e das doenças. Brinquedos, chocolates e outros doces são importantes, mas apenas na medida em que estes elementos reforçam o valor do brincar, a demonstração de um carinho e a lembrança de alguém especial. Bens materiais e de consumo não devem substituir os valores humanos. Nesse sentido é preciso refletir sobre essas contradições e armadilhas da educação.

Kailer e Mizunuma (2009) mencionam o papel mediador do brinquedista com as crianças e seus familiares no hospital. Esta mediação ocorre no que diz respeito às questões intelectuais, como também em outros aspectos que envolvem a manutenção tanto da brinquedoteca, como da socialização das pessoas neste espaço. Para que esse papel se desenvolva com qualidade é necessário, por parte destes profissionais, aprofundamento teórico sobre as questões que envolvem suas atividades dentro do hospital. No que diz respeito às festas, principalmente as que possuem caráter cívico ou religioso, a importância do aprofundamento teórico se revela quando as pessoas conhecem alguns elementos que envolvem as festividades. Estas informações diminuem as possibilidades de transmitir determinados valores que julgamos negativos, como é o caso do consumismo citado acima, ou a imagem estereotipada de elementos e/ ou sujeitos que compõem nossa História, seja a nível regional ou nacional. Discute-se, portanto, a necessidade das brinquedoteca e/ ou das escolas nos hospitais e seus profissionais se preocuparem com essa problemática, pois esses espaços podem ser os únicos para muitas crianças e adolescentes que permanecem muito tempo internados e que possuem doenças crônicas e internações recorrentes.

Atualmente nos hospitais do Brasil existem vários movimentos de pessoas da sociedade civil, de Organizações Não Governamentais, de Estudantes universitários vinculados a Projetos de Extensão, de voluntários, dentre outros, que buscam conceber as crianças e adolescentes “além do

corpo doente” e os observam como seres humanos que possuem histórias, desejos e sentimentos. As festas nos hospitais, para estas pessoas que as promovem e para as crianças, representam ruptura e libertação de situações opressoras das rotinas hospitalares. Quando elas acontecem é como se as crianças não se importassem mais com a dor física e com as limitações impostas pelos soros. O que lhe importa é o momento presente. As crianças também não se preocupam se o chocolate é da marca A ou B, ou se recebem um pacote de gelatina entregue numa cesta de *Origami*. O presente que recebem é a dedicação do outro e a valorização da vida.

A fragilidade de crianças e familiares devido à doença, o stress e desconhecimento teórico de questões que envolvem o hospital não impedem que as pessoas analisem e avaliem as posturas dos médicos, enfermeiros, de outros funcionários e também dos brinquedistas. Zanon *apud* Mesquita (2010, p.58) afirma que: “Raramente o paciente poderá avaliar a qualidade médico-assistencial, mas poderá avaliar sempre e muito bem a qualidade administrativa ou a qualidade do atendimento”.

Nesse sentido, destaca-se um relato da entrevista realizada com um dos músicos que participou da celebração da Páscoa do ano de 2009 no hospital. Era a primeira vez que ele se envolvia em trabalho com crianças hospitalizadas, portanto era alguém que “olhava de fora” este contexto. Em sua análise sobre o trabalho realizado, como alguém que não atuava neste campo, mas que possuía uma concepção de hospital, ele definiu da seguinte forma o hospital e a importância dos trabalhos que visam à humanização nestes espaços:

“O ambiente hospitalar é horrível... As crianças podem não ter compreensão do complexo sistema que é um hospital, mas visivelmente sentem. Este trabalho na brinquedoteca é maravilhoso, procura humanizar as relações entre as crianças, dá a elas a possibilidade brincar de se distrair.”
(D. R. Violonista.)

Crianças e acompanhantes quando precisam passar por uma internação, chegam ao hospital com uma imagem pré-concebida do que é a instituição e como será sua rotina nos dias em que precisará permanecer nela. Tais imagens podem ser construídas a partir das notícias que assistem na televisão, nos relatos de pessoas próximas que passaram por algo semelhante. Este é um local desconhecido, tanto no que diz respeito à estrutura física do prédio, como em relação aos procedimentos pelos quais irão passar.

Oliveira (1993, p. 328) descreve a representação do seguinte modo:

Há um profundo desconhecimento do ato médico como um todo. Este surge como algo vindo repentinamente de fora, fragmentado em intervenções invasivas, um ato cujo sentido a criança custa a encontrar na cura da doença, associando-o mais a intenções punitivas e a castigos.

Nesse aspecto, as festas são tanto um meio de modificar a concepção que a maioria das pessoas possui dos hospitais, medida essa que é interligada as medidas de humanização. As festas também transformam a forma como as crianças vivenciam e significam suas hospitalizações. De acordo com dados da entrevista com a assistente social:

“Normalmente as pessoas associam a internação hospitalar com momentos exclusivamente tristes, dolorosos e traumatizantes. Quando, no meio deste contexto, surge uma atividade com uma proposta oposta aos procedimentos da rotina hospitalar e que vai possibilitar a mudança do estado de espírito anterior, desviando a atenção da dor, transportando a criança para experiências prazerosas, é bem provável que a imagem desta estada no Hospital se modifique e não seja mais tão negativa.” (A. L. M Assistente Social).

Na festa analisada, o tédio, o desânimo e o silêncio foram trocados pela animação, música e alegria e possibilitaram um momento em que as crianças tornaram-se os sujeitos e atores das comemorações participando ativamente. Desta maneira, renovaram a esperança de que elas podem, sempre brincar,

serem felizes e viverem suas infâncias de maneira plena em diferentes ambientes.

Pós-lúdio

Obviamente comemorar uma Páscoa dentro do hospital não é a mesma coisa que celebrá-la em casa. Em muitos hospitais, os profissionais de saúde não permitem a distribuição de ovos de chocolate para as crianças, principalmente para aquelas que têm diarreia. Neste momento também, a maioria dos entes queridos das crianças não estão ao seu lado na festa, para rir e brincar com elas. Entretanto, as limitações que o espaço hospitalar impõe às comemorações não anulam os significados e a alegria da festa, apenas as (re) significam.

Algumas pessoas podem criticar essas comemorações como mecanismos de disfarce da realidade. Todavia, consideramos que a realização das festas populares nos hospitais proporciona o bem estar das crianças que estão hospitalizadas e contribuem para o alívio das suas tensões, da ansiedade e promovem a autoconfiança. Naquela festa de Páscoa, como em outras que as estagiárias promoveram, através das diversões e das surpresas, as crianças sentiram-se menos fragilizadas, assim como seus familiares. Portanto, quando refletimos sobre o significado das festas em ambientes hospitalares, discutimos não apenas o sentido da distração no hospital, mas também o caráter terapêutico e educativo que elas possuem, pois estão incluindo as crianças nas culturas de seus povos e regiões.

Brinquedoteca e festa parecem palavras indissociáveis, ou ao menos que possuem muito em comum, pois as duas dentro do hospital são mecanismos pelos quais as crianças exercem o seu direito de brincar, do lazer e acesso à cultura. Como proposta, a brinquedoteca hospitalar trás em si uma nova concepção de infância enferma e, portanto, outras posturas diante das crianças hospitalizadas. Essas idéias abrem caminho para novas atividades que visam o bem estar das crianças, permitindo que festas sejam realizadas dentro dos hospitais. Tal medida é significativa tanto por ter por objetivo

amenizar a separação que há com o cotidiano vivido pelas crianças nos hospitais e aqueles que eram vivenciados antes da internação. As festas também possibilitam o exercício de uma das maiores necessidades sociais: as múltiplas expressões, a fala e a alegria.

As festas realizadas em brinquedotecas além de contribuírem para melhorias na saúde infantil e na imagem que normalmente as pessoas fazem dos hospitais, caracterizam-se como uma nova forma de significar e vivenciar a doença nas diferentes infâncias.

É preciso um constante exercício de reflexão sobre as brinquedotecas e as atividades que estão relacionadas a elas. Os seus objetivos iniciais estão voltados para socialização de crianças e manifestação de diferentes linguagens: verbais, artísticas, musicais, cênicas e expressivas. Por isso, mais do que músicas e decorações, para existir verdadeiramente uma festa dentro do hospital é preciso que as pessoas e os profissionais estejam dispostos a valorizar o humano por traz da doença.

As brinquedotecas hospitalares não são apenas espaços repletos de brinquedos nos quais, além de brincar, as crianças vivenciam algumas atividades lúdicas, como as festas. São espaços onde são manifestadas as concepções de saúde e infância presentes em nossa sociedade e nos profissionais que trabalham com estas crianças. As brinquedotecas trazem em si a concepção de crianças como sujeitos de direitos e a compreensão da doença como algo além da ausência da saúde. Existem também situações vivenciadas no cotidiano das brinquedotecas nos hospitais que precisam ser analisadas. É possível observar nestes espaços as limitações impostas ao brincar pelo contexto e pelos profissionais de saúde devido a alguns fatores como: espaços restritos destinados às brinquedotecas e horários limitados para a brincadeira e para a realização das festas.

Medramo (2004) aponta a necessidade de problematizar e refletir sobre as brinquedotecas hospitalares ou “espaços para as brincadeiras” como meio de manter o caráter subversivo do brincar, apontando que caso isso não ocorra tais espaços serão *“irremediavelmente sugados pelos dispositivos hospitalares*

tradicionalis". (p.145). Neste sentido, as festas dentro dos hospitais podem caracterizar-se tanto como um meio de coerção da criança (coerção revestida de liberdade) como também um encontro entre pessoas dispostas a valorizarem o que cada um tem de melhor. Cabe sempre se perguntar *que festa se quer realizar e para quem?* Nenhuma atividade é neutra, até o descaso com a festa e suas implicações demonstram um determinado ponto de vista sobre a infância.

Certamente a temática das festas nas brinquedotecas hospitalares abrem oportunidades para inúmeras outras reflexões e perspectivas de análises que não foram abordadas no decorrer deste artigo, mas que merecem a atenção dos pesquisadores para futuros trabalhos referentes este tema.

Referências

Adam, Philippe. Herzlich. *Sociologia da doença e da medicina*. Trad. Lauren Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

Amaral, Rita. *Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério"*. Disponível em: <http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>. Acesso em 03 de janeiro de 2010.

_____. *Festas, festivais, festividades: algumas notas para discussão de métodos e técnicas de pesquisa sobre festejar no Brasil*. Disponível em: www.aguaforte.com/.../AnaisIIColoquioFestaseSociabilidades2008UFRN-RitaAmaral.pdf. Acesso em 03 de janeiro de 2010

Brandão, Carlos Rodrigues. *A Cultura na rua*. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

_____. *Cultura, Culturas, Cultura Popular e Educação*. Entrevista concedida a REDETV de televisão. Disponível em: http://www.redebrasil.tv.br/salto/entrevistas/carlos_brandao.htm. Acesso em 05 de janeiro de 2011.

Busnardo, Érica. *Pacientes do Hospital da Criança tem tarde de brincadeiras. Prefeitura Municipal de Ponta Grossa*. 8 de Abril de 2009. Disponível em : <http://www.pg.pr.gov.br/node/6178> Acesso em 10 de abril de 2009.

Brasília. *Seminário Nacional Brinquedoteca: A importância do brincar na saúde e na educação*. Brasília. DF. 2005. Disponível em:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/relatorios-de-atividades/brinquedoteca120307.pdf>. Acesso em 05 de janeiro de 2011

Dossiê Musée de l'Assistance Publique- hôpitaux de Paris. Disponível em: www.aphp.fr/documents/musee/dp_expo_enfant.pdf . Acesso em 05 de janeiro de 2011

Ceccim, Ricardo B; Carvalho, Paulo R. A .; Comentando os direitos da criança e do adolescente hospitalizado. In: CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Paulo R. A .; *Criança Hospitalizada: Atenção Integral como escuta à vida*, Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1997, p.185- 191,

Crepaldi, Maria aparecida. *Hospitalização na Infância: representações sociais da família sobre a doença e a hospitalização de seus filhos em Unidade de Pediatria*. Tese de Doutorado, Unicamp, 1998

Delgado, Ana Cristina Coll. Composição fotográfica das crianças sobre o papel dos adultos e participação infantil nas festas dedicadas a infância. *Revista Educação em Questão*. Natal, v.38, n.24,p.138-163, maio/ agosto de 2010.

Fortuna, Tânia Ramos. Brincar, viver, e aprender: Educação e ludicidade no hospital. IN: Viegas, Drauzio (org) *Brinquedoteca Hospitalar: isto é humanização*. Rio de Janeiro: Walk Ef, 2007. Pg. 33-44.

Freud, Sigmund. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro, Imago, 1984.

Kailer, Priscila Gabriele da Luz; MIZUNUMA, Samanta. As Contribuições dos brinquedistas hospitalares nas concepções dos profissionais de saúde. In: *Anais do X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia*. 26 a 29 de outubro de 2009. Curitiba, PUCPR , P. 4109 – 4111.

Macedo, Roberto Sidnei. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. Salvador: EDUFBA, 2000

Masquetti, Maria Helena. Coelho da Páscoa, que futuro trazes para nossas crianças? *Instituto Alana*. [s.l.] 14 de abril de 2008. Disponível em: <http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/Biblioteca.aspx?v=1&art=11>.

Medramo, Carlos Alberto. *Do Silêncio ao brincar: História do presente da saúde pública, da psicanálise e da infância*. São Paulo: Vetor, 2004.

Mello, Inaiá Monteiro. *Humanização da assistência hospitalar no Brasil: conhecimentos básicos para estudantes e profissionais*. 2008. Disponível em: http://www.hcnet.usp.br/humaniza/pdf/livro/livro_dra_inaia_Humanizacao_nos_Hospitais_do_Brasil.pdf. Acesso em 04 de Abril de 2011

- Mesquita, Michely Lordano. *As potencialidades e deficiências dos processos de humanização*. Disponível em: www.unioeste.br/campi/cascavel/ccsa/IVSeminarario/.../15.pdf. Acesso em 03 de dezembro de 2010
- Oliveira, H. A Enfermidade Sob o Olhar da Criança Hospitalizada. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 9 (3): 326-332, jul/set, 1993.
- Paula, Ercília Maria Angeli Teixeira. *Educação, diversidade e esperança: a práxis pedagógica no contexto da escola hospitalar*. 2005, 330 pgs. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- Paula, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Crianças e adolescentes que voam em jaulas: a tecnologia promovendo a liberdade no hospital. In: Paula, Ercília Maria Angeli Teixeira de; Matos, Elizete Lucia Moreira (orgs). *Caderno CEDES*. Campinas: Cedes. ISSN 0101-3262. Vol. 27, n. 73, p. 319-334, set/dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n73/05.pdf> >. Acessado em 09 de janeiro de 2009.
- Paula, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Educação Popular em uma Brinquedoteca Hospitalar: Humanizando relações e construindo cidadania. In: *anais da 31ª reunião anual da anped- associação nacional de pós graduação e pesquisa em educação*, 2008, Caxambu., 2008. p. 01-16.
- Porter, Roy. *Das tripas coração: uma breve história da medicina*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- Rosenberg–Reiner, Sylvie. O papel das associações para crianças hospitalizadas na França e na Europa. In: Leitgel –Gille, Marluce (org). *Boi da Cara Preta: Crianças no Hospital*. Trad. Helena Ramos. Salvador: EDUFBA: Ágalma, 2003, p. 16-45.
- Silva, Frei Manuel Arantes da. *A Festa e as Festas na Bíblia e na Vida*. Lisboa. Difusora Bíblica. 1995.
- Sournia, Jean-Charles. O homem e a doença. In: Le Goff, Jacques (org.) *As doenças têm História*. Trad. Laurinda Bom. Lisboa: Terramar. 1985, p. 359-361.
- Vasconcellos, Vera M. R.; Sarmiento, Manuel Jacinto (orgs). *Infância (In)visível*. Araraquara: Ed. Junqueira e Marin, 2007.